

# Algarve está cada vez mais pobre

O PIB per capita em relação à média da União Europeia sobe nas outras regiões do país, mas baixa 1,5 por cento na região algarvia. A média nacional também subiu. Os números referem-se a 2009 e foram divulgados na última semana pelo Eurostats, o gabinete de estatísticas da União Europeia

> DOMINGOS VIEGAS

De acordo com os dados do Eurostat, divulgados na última semana e relativos ao ano de 2009, o Algarve foi a única região do país que viu o seu PIB (Produto Interno Bruto) per capita ajustado ao poder de compra cair em relação à média europeia. Ou seja, os algarvios foram os que mais empobreceram no país face à média europeia e também aqueles cujo poder de compra desceu significativamente.

Segundo o Gabinete de Estatística da União Europeia (Eurostats), a região algarvia apresentou um PIB per capita de 84,6 por cento em relação à média da União Europeia (a 27 países), quando dois anos antes aquele valor se situava nos 86,1 por cento. Estes dados indicam que os algarvios perderam 1,5 por cento do seu poder de compra, passando a fixar-se em 15,4 por cento abaixo da média europeia.

As regiões de Lisboa (112,4%) e da Madeira (104,9%) continuam a liderar o ranking

das regiões portuguesas com maior PIB per capita em relação à média da UE, tendo registado aumentos de 1,7 e 1,9 por cento, respetivamente. Estas são também as duas únicas regiões portuguesas com PIB per capita superior à média de UE. As subidas verificadas em Lisboa e na Madeira foram duas das que mais contribuíram para que a média nacional subisse 1,1 por cento e se fixasse nos 80 por cento.

Os Açores subiram de 73,2 por cento para 75,2 por cento e ultrapassaram, pela primeira vez, a fasquia dos 75 por cento (valor de referência para definir a linha de separação entre regiões desfavorecidas e mais ricas). Recorde-se que esta região autónoma foi durante muitos anos a mais pobre do país.

O Alentejo, praticamente, manteve o seu registo já que apresentou um valor de 72,2 por cento. A região Centro surge com 66,5 por cento (subiu 1,2%), enquanto que a região Norte continua a ser a que tem o menor PIB per capita em relação à média



Os algarvios foram os que mais empobreceram face à média europeia

da UE, com 63,6 por cento, mas aumentou 0,8 por cento.

## As regiões mais ricas da Europa

Há 39 regiões europeias com um PIB per capita superior a 125 por cento da média da União Europeia. A Alemanha tem oito regiões neste "top", a Holanda tem cinco, Itália e Áustria têm quatro, Bélgica, Espanha e o Reino Unido têm três, a Finlândia tem duas, enquanto República Checa, Dinamarca, Irlanda, França, Eslováquia, Suécia e

Luxemburgo surgem com uma.

Este ranking é liderado pela região de Londres (Reino Unido), com um PIB per capita de 332 por cento em relação à média da UE, seguida do Luxemburgo, com 266 por cento, e de Bruxelas, com 223 por cento. Seguem-se na lista a região alemã de Hamburgo (188%), a eslovaca Bratislava (177%), a checa Praga (175%), a sueca Estocolmo (172%), a holandesa Groningen (170%) e a finlandesa Aland (166%).

Entre as regiões europeias

com um PIB per capita superior a 150 por cento da média da UE encontram-se ainda a austríaca de Viena (161%), as alemãs Oberbayern e Bremen (ambas com 160%), a britânica North Eastern Scotland e a alemã Darmstadt (ambas com 158%), bem como as holandesas Utrecht (157%) e Noord-Holland (151%). O top 20 das regiões mais ricas da UE completa-se com a dinamarquesa Hovedstaden (149%), a italiana Bolzano (148%) e a britânica Berkshire, Buckinghamshire &

Oxfordshire (142%).

## ...e as mais pobres

A outra face da moeda é representada por regiões da Bulgária e da Roménia. A mais pobre é mesmo a búlgara de Severozapaden (apenas 27% do PIB per capita médio da UE), seguida da também búlgara Severen Tsentralen e da romena Nord-Est (ambas com 29%). O top 20 das mais pobres é constituído por seis regiões da Roménia, cinco da Bulgária, cinco da Polónia e quatro da Hungria, todas com um PIB per capita inferior a 50 por cento da média da UE (há 22 regiões europeias com PIB per capita abaixo deste valor).

Mas se tivermos em conta a referência que a UE utiliza para definir regiões desfavorecidas e regiões ricas (75% da média europeia), encontramos 65 regiões europeias com registos abaixo daquele valor. Repartidas por países, a Polónia tem quinze, a República Checa e a Roménia têm sete, a Hungria tem seis, a Bulgária tem cinco, a Grécia e a França (todas departamentos ultramarinos) e a Itália têm quatro, Portugal (com Alentejo, Centro e Norte) e a Eslováquia têm três, o Reino Unido tem duas, enquanto Espanha, Eslovénia, Estónia, Letónia e Lituânia surgem com apenas uma região onde o PIB per capita tem um valor inferior a 75 por cento da média da União Europeia.

## Macário Correia exige "soluções urgentes" ao Governo

Presidente da Comunidade Intermunicipal do Algarve afirma que o caso do Algarve "é um problema, superior ao que Portugal enfrenta no seu conjunto"

O presidente da Comunidade Intermunicipal do Algarve considera que "ninguém de responsabilidades políticas pode ficar indiferente e de braços cruzados", tanto em relação aos dados divulgados na última semana pelo Eurostat como perante o facto de o Algarve ser a região do país com a maior taxa de desemprego.

"Está provado que o caso do Algarve é um problema, superior ao que Portugal enfrenta no seu conjunto", sublinha Macário Correia, que lança o alerta ao Governo para que "compreenda a singularidade do Algarve e se disponha, em diálogo com os municípios e outras entidades, a encontrar as soluções urgentes".

O autarca social democrata, e também presidente da Câmara Municipal de Faro, recorda que, além das razões globais dos mercados, o Algarve registou quebras "no número de licenças de obras particulares, maior que a nível nacional" e "nas receitas dos municípios em impostos locais, três vezes mais acentuada que a nível nacional". A juntar a estes fatores, há ainda a "redução das verbas disponíveis dos fundos europeus no atual quadro de apoio, o

que não aconteceu no resto do país", frisa.

Macário Correia lembra ainda que "mesmo perante este conjunto de dificuldades", os municípios algarvios "asseguram as infraestruturas para uma população muito superior aos seus residentes habituais e permanentes".

Perante a situação da região, o presidente da Comunidade Intermunicipal do Algarve critica o facto de alguns projetos aguardarem "há longos meses pareceres burocráticos de serviços centrais do Estado" e defende que é urgente "agilizar os procedimentos para que os poucos fundos europeus disponíveis se apliquem depressa".

Outra das questões consideradas urgentes por Macário Correia é a resolução do passivo de médio e longo prazo dos municípios. O Estado "deve acordar uma solução desejada há muito, com crédito que permita aliviar a faturação vencida nas empresas locais", defende, exigindo que "se olhe para a região com outra atenção, coisa que os poderes de Lisboa e nem sempre compreendem, face à gravidade e essecidade do problema".

D.V.

MIGUEL FREITAS

## "Sem regionalização, o Algarve afunda-se"

Deputado socialista defende retorno à discussão sobre as regiões administrativas

Miguel Freitas, deputado socialista eleito pelo círculo eleitoral de Faro, defendeu que, no atual contexto económico, a regionalização é "a solução para salvar os municípios do sufoco financeiro e restituir ao país, e particularmente ao Algarve, condições estruturantes para um futuro desenvolvimento económico".

O parlamentar reagiu desta forma aos dados do Eurostat e considerou que um dos principais fatores que contribuíram para a perda do nível de vida dos algarvios foi a redução drástica dos fundos comunitários (mais de mil milhões de euros entre 2007 e 2013). Desentido, Miguel Freitas voltou a alertar que o Governo deve ser mais firme na negociação

para o período 2014/2020.

"Embora não estejamos ao nível de regressão que nos remeta para o grupo das regiões mais pobres como o Norte, o Centro ou o Alentejo, fazemos parte de um conjunto de regiões intermédias que devem receber políticas específicas de desenvolvimento regional, que permitam reverter a sua base produtiva e gerar emprego qualificado", frisou o deputado.

Para o parlamentar a "política europeia errada", a "incapacidade de compensação das políticas nacionais" e a "incapacidade de mudar o modelo económico regional" são as razões para o "insucesso" do Algarve.

Voltando à questão da re-

gionalização, o deputado e líder do PS-Algarve defendeu o retorno à discussão sobre as regiões administrativas e sublinhou que "nas zonas do país onde houve descentralização e políticas orientadas, houve desenvolvimento. Onde há centros de poder regional, há motivos para acreditar que as coisas correm melhor". "Em tempos de dificuldades como os atuais, o país precisa da regionalização, para fazer melhor com menos custos. Esta é a alavanca para tirar os municípios do sufoco em que vivem. Sem isso, o Algarve afunda-se", alertou Miguel Freitas, que criticou ainda a proposta do governo no âmbito da reforma da administração local por considerar que esta "consolida o país a duas velocidades".